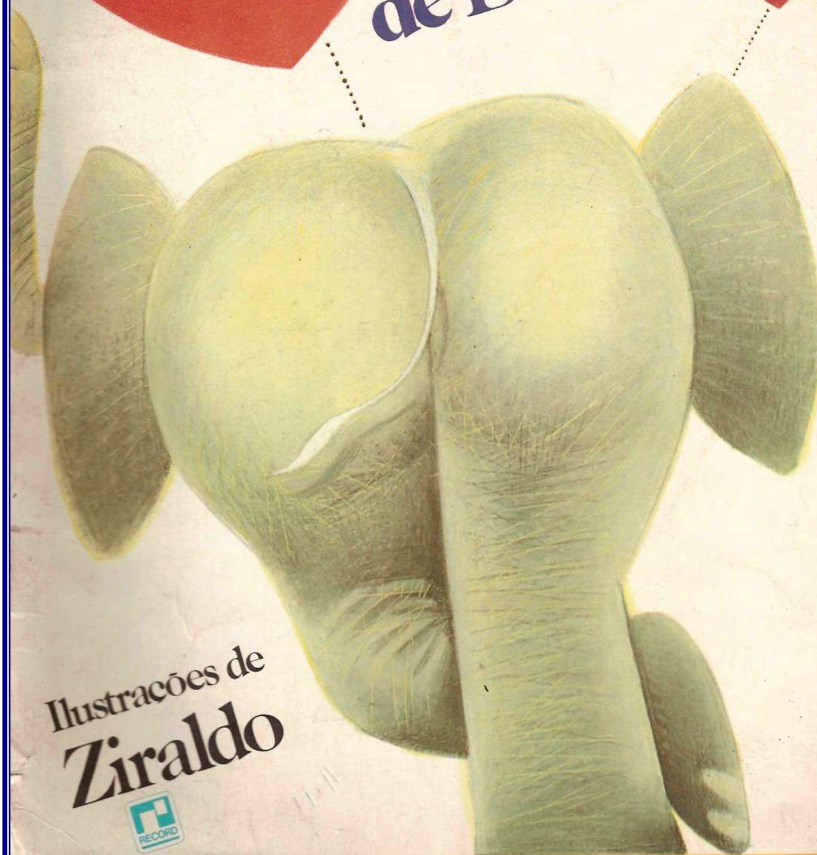
Carlos Drummond de Andrade

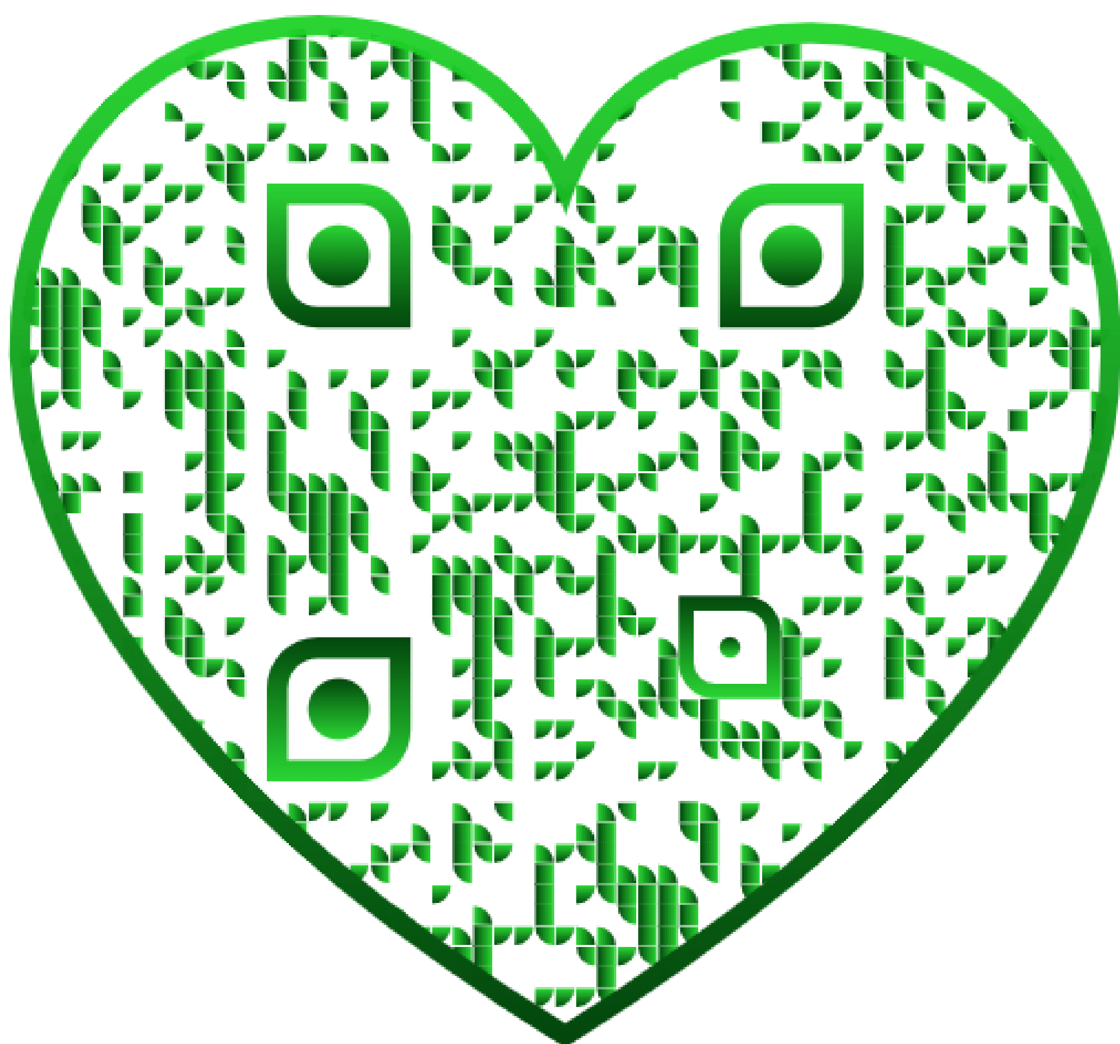
História de Dois Amores



Ilustrações de Ziraldo



RECORD





http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

Texto: Copyright © 1985 by Carlos Drummond de Andrade

Ilustrações: Copyright © 1985 by Ziraldo Alves Pinto

Reprodução fotográfica e foto dos autores: Augusto Siqueira

Direitos desta edição reservados pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 — 20921 — Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668

Impresso no Brasil **ISBN 85-1-027102-X**

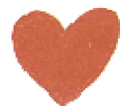
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922

Carlos Drummond de Andrade
Ziraldo



História de dois amores



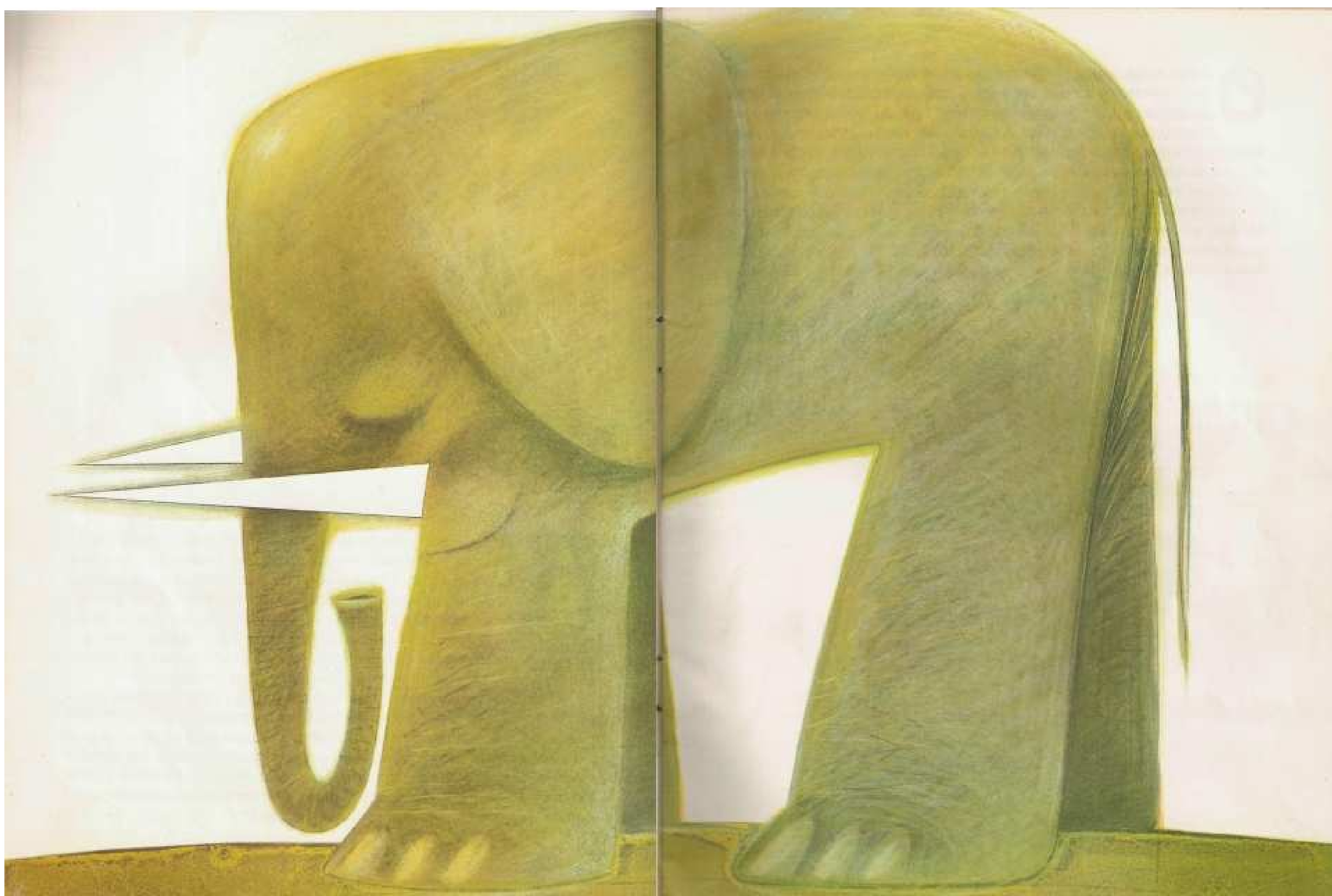
4ª. EDIÇÃO



EDITORA RECORD

A pulga - aliás, um pulgo — voava sem direção, à procura de um lugar tranqüilo onde pousar e repousar. Ia cansado e não podia escolher muito. O primeiro lugar que aparecesse, ele topava. Aí passou um elefante enorme, o que não é novidade, pois toda gente sabe da enormidade dos elefantes. Passou e tocou de leve no pulgo, com a pontinha da tromba. Foi o bastante para ele se encarapitar na sua orelha direita e soltar um uf! de alívio, mas tão delicado que ninguém, mesmo de ouvido afiado, era capaz de escutar.

O elefante nem percebeu que levava um pulgo atrás da orelha. Ou, se percebeu, não deu a menor importância. Mesmo porque ele estava pensando num assunto de que iria tratar mais longe. O assunto era o seguinte: ia pedir a um colega que fizesse o favor de ocupar o seu posto de chefe dos elefantes da manada, enquanto ele tirava umas férias bem merecidas no Rio de Janeiro, a convite do Clube dos Elefantes Cariocas, que lhe contara maravilhas sobre l praia de Ipanema e outros encantos da cidade.



O pulgo tinha o mau costume de se achar muito importante, mesmo que estivesse na pele de um bebê. Colocado naquela altura, pode-se imaginar como ficou ainda mais cheio de prosa. Achou mesmo que era um pulgo fora de série. E quando percebeu (as pulgas percebem depressa as coisas) que aquela orelhona era do próprio chefe dos elefantes, aí é que só faltou estourar de vaidade. Soltou outro sonzinho especial, como se dissesse, encantado:

— Epa! Eu, o Rei da Pulgaria, vou montado no Rei dos Elefantes, que obedece ao meu comando!

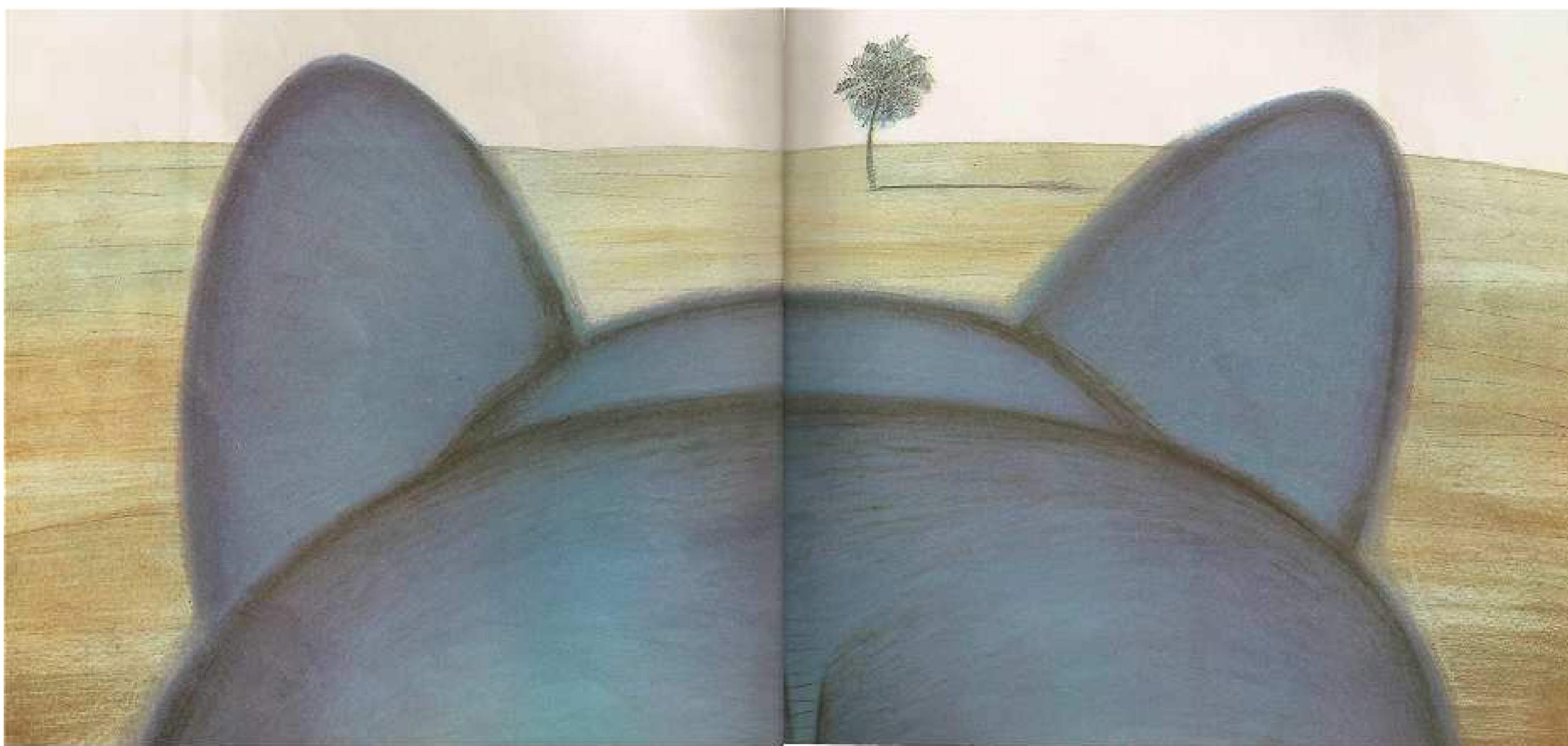
Então, para se fazer notar, começou a pular de uma orelha para outra, mas o elefante, se não tinha ligado antes, aí é que não ligou mesmo nada.

— Que pena o Rei ser tão boçal — observou o pulgo. — Não sentiu a honra que eu lhe dou de viajar em cima dele.

Aí, deu uma picada forte no pêlo do elefante, mas era um pêlo tão grosso que ele não conseguiu nada, por mais que caprichasse na mordida.

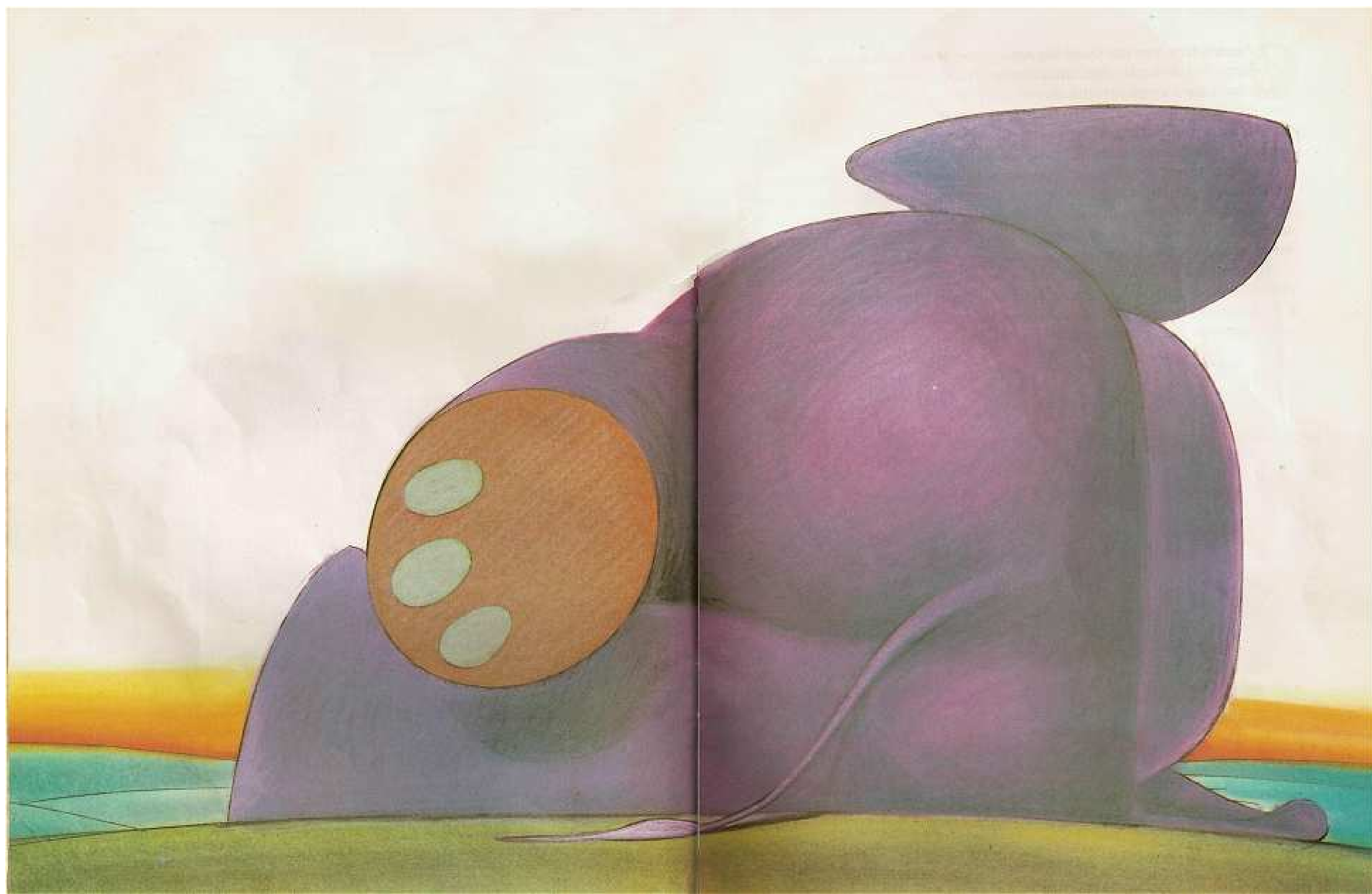
— Chato — disse. — Esse cara nem percebeu que eu quis agradá-lo com uma carícia muito especial.

Foram seguindo pelo caminho, que nem era caminho, mas o largo lanço de areia, batido pelo vento. Como a tarde escurecia, o elefante achou que pegaria bem deitar junto de uma tamareira carregada de frutas, para uma soneca legal até amanhecer. No dia seguinte, apanharia com a tromba umas tâmaras, e estava garantido o almoço.



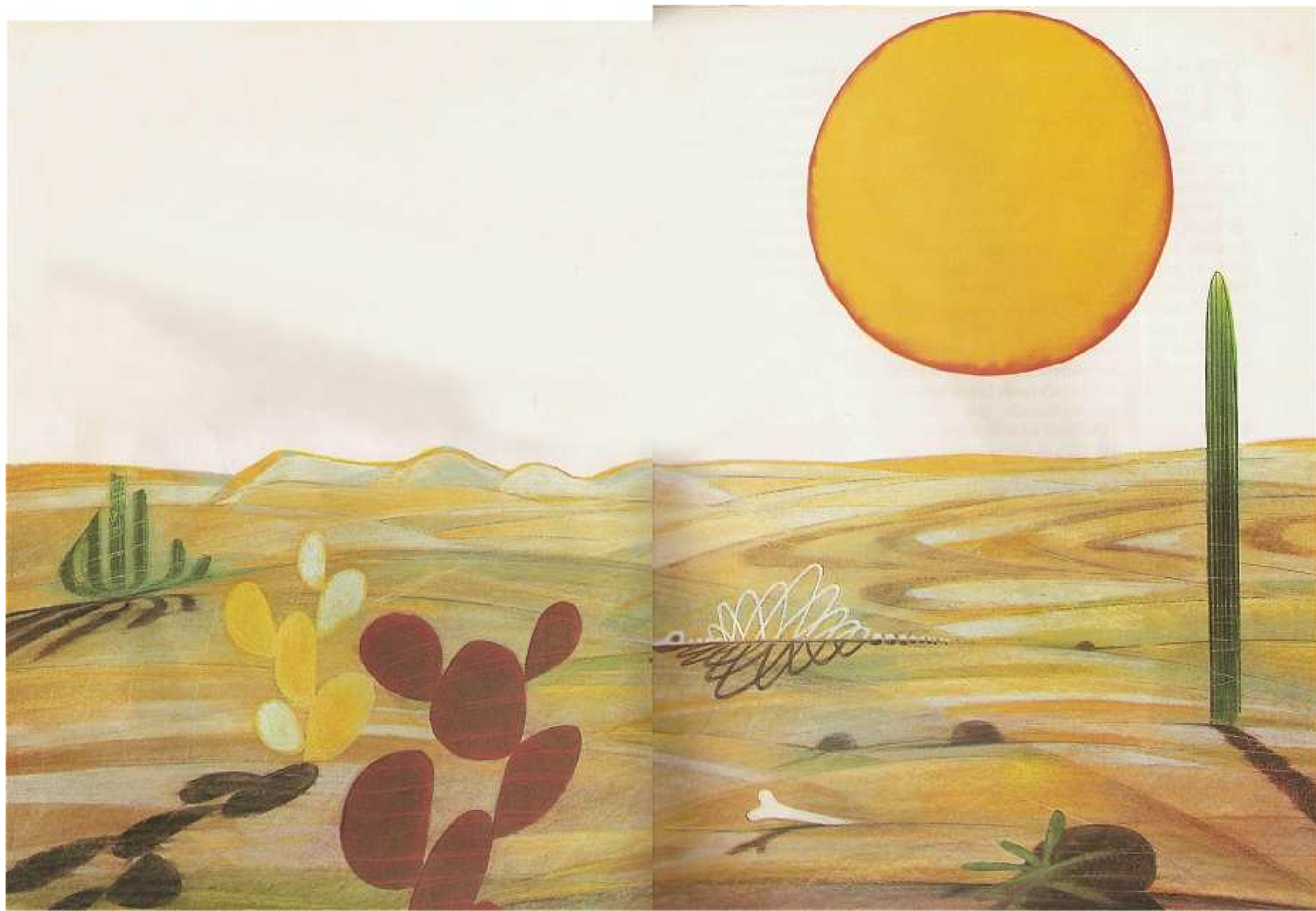
O pulgo não estava prevenido para o movimento brusco que o elefante fez para se deitar. Deu um salto assustado quando a massa gorda do animal desabou pela direita. Justamente no interior da orelha direita é que ele estava naquele momento. Com medo de ser esmagado, deu um golpe de direção no ar e passou para o interior da orelha esquerda, esperando não ser incomodado daí por diante.

Os dois dormiram bem, porque não havia ali onça nem cobra nem carrapato, que incomodam tanto a gente que dorme à luz da lua. Foi um sono gostoso, sem os pesadelos que costumam acontecer quando a gente come demais.



Amanheceu um dia lindo de verão, com o sol tinindo na areia, onde os reflexos dourados pareciam saudar o céu azul. O elefante voltou a caminhar, e o pulgo estava satisfeito com aquele transporte grátis que lhe permitia ver sem esforço tantas coisas, pois o deserto só é deserto para quem não sabe ver, e ele sabia. Aqui tinha um cacto vermelho vivo, mais adiante outro amarelo, perto de outro verde-escuro. Certos morros tinham cara de vulcões extintos, e em outros o vento, soprando, desmanchava a forma. Como entendesse um pouco de geografia prática, o pulgo viu que eram dunas. De vez em quando apareciam uns ossos esquisitos, restos de algum búfalo antiqüíssimo, dos tempos pré-históricos, ou esqueleto de um camelo. Enfim, não faltava o que ver e admirar naquela extensão infinita.

Tendo nascido e vivido na cidade, o pulgo comparava a imensidão do cenário com o aperto das casas dos pobres, onde não entra um raio de sol e tudo parece doente. Ali, não: era uma beleza de claridade, que ele curtia comodamente numa orelha do elefante.



Anoiteceu outra vez, e outra vez o elefante deu o golpe da tamareira, porque de longe em longe havia uma palmeira dessas para ajudar o viajante. A noite, já ciente do costume do seu companheiro, o pulgo tinha o cuidado de não sair da orelha esquerda, E assim foram passando os dias, ao todo sete, quando o elefante chegou à morada do seu amigo e conferenciou com ele, enquanto suas trombas faziam movimentos de afeto. Eram muito ligados aqueles dois elefantes.

O pulgo assistiu ao papo sem entender o que eles diziam, pois, apesar de inteligente, não sabia uma palavra de barritês, que é a língua deles. Além do mais, falavam baixinho, ao contrário de tanta gente que, mesmo não tendo nada de importante para falar, urra como leões, inutilmente. Mas também falavam em tom alegre e camarada.

Curioso até não poder mais, o pulgo, que daqui por diante, para eu não ficar repetindo a toda hora "o pulgo", "o pulgo", será chamado de Pul, assim como o elefante ganha o nome de Osborne, porque seu pai trabalhou num circo norte-americano — o pulgo, isto é, Pul, lamentou:

— Que azar eu não ter estudado barritês. Mas também a gente não pode saber todas as línguas do mundo, que dizem ser mais de mil oitocentas e quarenta e cinco. Aliás, nem sei se há especialista em língua de elefante entre os professores pulgos.

Aliviado com esse pensamento, Pul desistiu de entender conversa de elefante, tão diferente da conversa de pulga, que se faz quase por sinais eletrônicos, tão rápidos como elas são, ao passo que a

do seu companheiro era descansada, devagar-quase-parando.

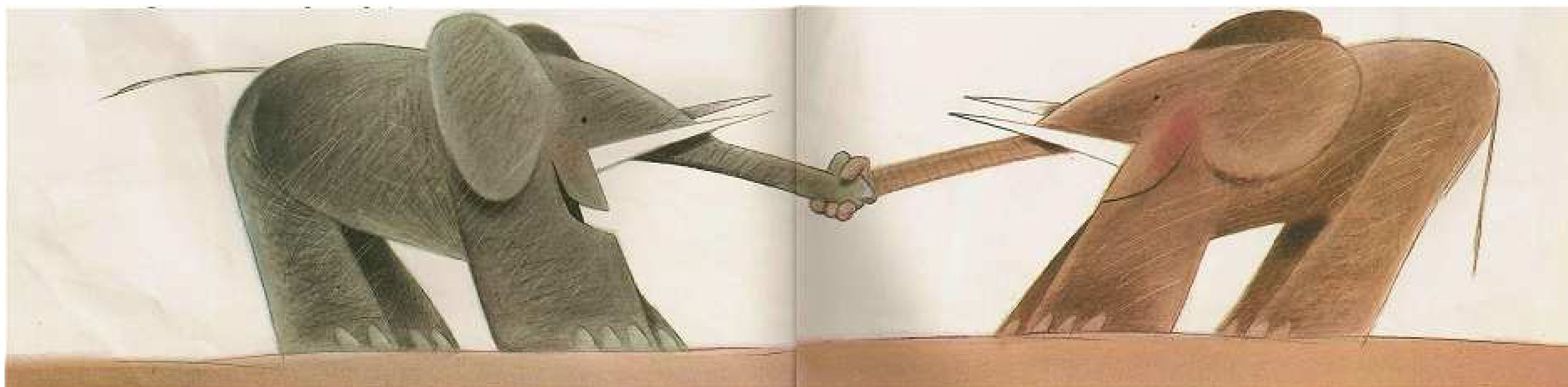
Depois do papo comprido entre Osbó e Cacundê, que este era o nome do amigo, de estranha origem tupi (onde se viu elefante africano descendente de índio? jamais), os dois devoraram um baita almoço, à base de milho com abóbora, que Cacundê recebia do Brasil por mala direta elefantina. Regalaram-se, dormiram a sesta e recomeçaram a viagem em direção ao país de Osbó.

Pul já não via com tanto interesse a paisagem do deserto, pois tinha a admiração curta. Achava que Osbó e Cacundê podiam muito bem tomar outro rumo, onde aparecessem novidades. Mas se a intenção deles era aquela que contei, e que Pul adivinhou, não havia nada a fazer senão acompanhá-los. Mesmo porque sentia certo prazer em passar a vida na orelha de um elefante, muito melhor do que na orelha de um cachorro, por exemplo, que é tão agitado e gosta de fazer alaúza com seus latidos.

Então ele aproveitou para cochilar e sonhar com passagens de sua vida de aventuras, que, mesmo curta, era cheia de peripécias. Conhecera enchentes de rios, tufões de todos os nomes femininos de tufão, vivera na intimidade de uma famosa estrela de cinema, que um dia se aborreceu e quis esmagá-lo, mas Pul era ladino e saiu voando para longe da moça. A história das pulgas tem momentos bons e momentos maus, e tudo, no passado, distraía a lembrança.

A viagem durou três dias mais do que a primeira, porque Osbó e Cacundê eram grandes conversadores, e conversando se esqueciam de caminhar.

— Que diabo têm esses caras para bater papo horas inteiras? — observou Pul. — Só se pode explicar por serem dois bons camaradas. A amizade é uma coisa linda. Nunca se chateia, está sempre descobrindo motivos de satisfação. Daqui por diante vou procurar ótimos pulgos para meus amigos. Desde, é claro, que eles reconheçam a minha superioridade. Será que terão capacidade para isso?



Ao se aproximarem do sítio de residência do Chefe dos Elefantes, Osbó sentiu que tinha acontecido alguma coisa de anormal. Alguns de seus companheiros faziam cerco ao local. Estavam armados com grandes galhos de árvores e pareciam muito nervosos.

Osbó perguntou a um deles, que movia a tromba em todas as direções:

— Que negócio é esse de ficarem vigiando a minha moradia? O outro respondeu, com pouco-caso:

— Nada não.

— Como? — insistiu Osbó. — Vocês nunca fizeram isso, a não ser quando eu os chamava para tratar de assuntos de interesse da manada.

— Ora — resmungou o outro. — Vamos deixar de papo de vento. Você não é mais nosso chefe, entende?

Osbó só não caiu para trás porque elefante não cai nunca desse jeito. Meio tonto, indagou:

— Então vocês me depuseram?

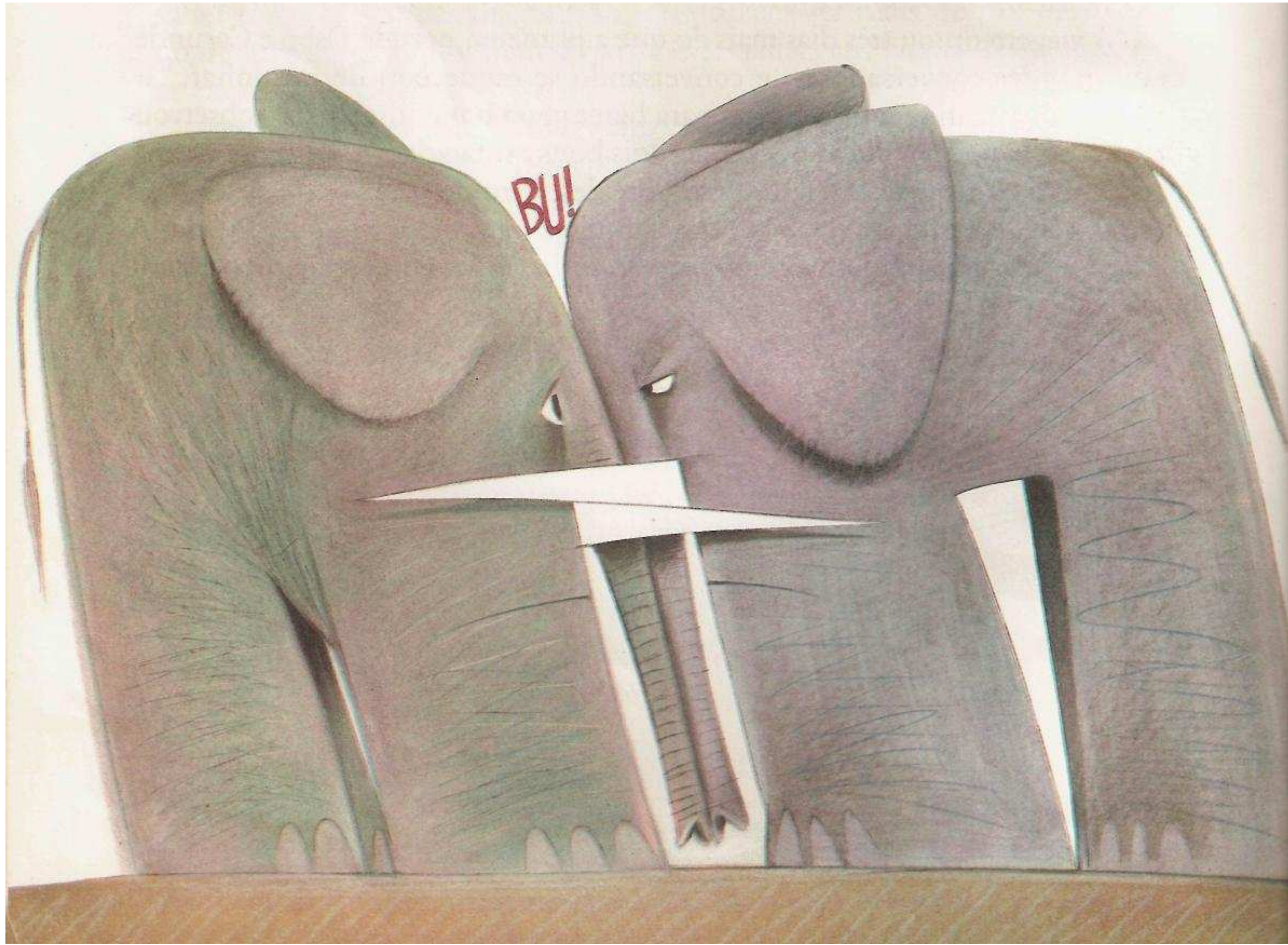
— Não foi preciso. Você está impedido de ser nosso chefe. Só isso.

— Impedido por quê?

— Quem vai ao vento perde o assento. Quem sai à toa perde a coroa. Quem vai a esmo perde o torresmo. Etc.

— Hein?! Mas eu trouxe um amigo de confiança para tomar conta de vocês durante a minha viagem ao Brasil. E um cara firme, experiente, de bom coração.

— Ah, é? Duvido que o seu amigo seja mais competente do que eu, que nasci com vocação para chefe. Mande esse cara dar marcha à ré imediatamente. E você, se quiser ficar, obedeça às minhas ordens. Buuuuuuh!


BU!

Pobre do Osbó, não sabia o que dizer. Em certas ocasiões especiais ele até perdia a fala. Que traição mais feia aquela!

Vendo que as coisas não estavam boas para o lado dele, Pul ficou indignado e resolveu socorrê-lo. Como? Num salto espetacular, atacou o olho do elefante rebelde. O bicho soltou um barrito de dor, que atraiu os companheiros. Pul não teve conversa: foi picando um por um nos olhos, com raiva, e ouviu-se uma barritagem geral.

Só então Osbó percebeu que tinha um aliado poderoso, e que esse aliado era um pulgo saído de sua orelha esquerda. E percebeu porque, ao ficar com raiva, Pul inchara tanto que virou um pulgão.

Cegos de dor, os rebeldes corriam de um lado para outro, e como não havia médico nem curandeiro entre eles, a confusão durou mais de meia hora. Pul ficou muito feliz com a lição que dera àqueles ingratalhões.

Cacundê, o companheiro de Osbó, assistiu a tudo maravilhado, e disse para o amigo:

— Vou-me embora. Esse pulgo é tão legal que pode perfeitamente me substituir. Adeus.

— Fique mais um pouco, meu caro Cundê. Sua presença me faz bem.

— Não, meu caro Osbó, não é aqui o meu lugar. Por via das dúvidas, cancele a viagem ao Brasil e mantenha o pulgo ao seu lado, como fiel defensor.

— De fato, ele é jóia. Acho que vou nomeá-lo... como é mesmo? Primeiro-ministro.



— Os outros ministros quais são?

— Os outros não existem. Para que mais de um, se *esse* é tão bacana?

— Sei não, Osbó, acho que você ficou com mania de grandeza, como se a sua não fosse bastante. Continue com as patas no chão, meu velho. Nomear primeiro-ministro sem ter ministério? Daqui a pouco você se proclamará imperador...

Osbó ficou pensativo. E concluiu:

— E, você tem razão. Não vou me meter em altas cavalariças. Mas faço questão de ter Pul a meu lado, ajudando.

De tanto ficar colado à orelha de Osbó, Pul já se sentia seu íntimo. Entendia ou pensava entender tudo que ele barritava com Cacundê. E falou sozinho: — Afinal ele reconhece minha importância de pulgo superior.

Como tinha passado a sua raiva guerreira, voltou ao tamanhinho natural. Mas sempre se gabando:

— Sou belo, sou forte, não tenho medo da morte!

Cacundê despediu-se em lágrimas. Era muito sensível. Prometeu voltar, se houvesse

necessidade.

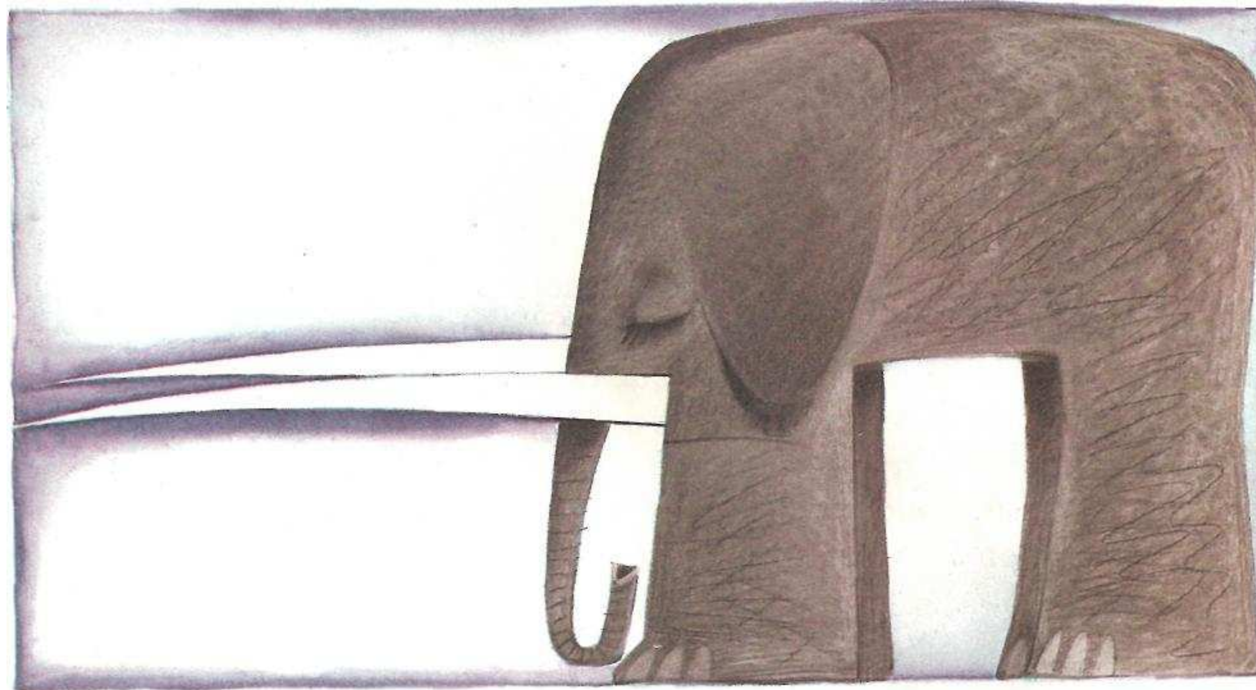
Não houve. Os dias e as noites seguintes correram calmos, com a manada em santa paz, esquecida de que há maldade no mundo, pois Osbó perdoou a todos os rebeldes.

Foram sete anos de doçura e paz na terra dos elefantes africanos. Pul engordara um tiquinho, vencendo a lei dos bichos da sua espécie, que têm vida curta. A dele iria durar muito tempo, no convívio com Osbó, que lhe dava força e energia. Nunca se viu na África um pulgo tão bem tratado, até reluzente, como se fosse de metal polido. Nem parecia pulgo. Parecia joaninha-mirim.

Osbó dava graças a Deus por essa quadra de felicidade. Era tão gostoso que nem pensou mais no projeto de férias no Rio de Janeiro.

Quando os sete anos estavam acabando, ele começou a entristecer.

A tristeza de um elefante não pode ser comparada à de nenhum homem ou mulher. O marfim de suas presas vai arroxeando, acaba de um roxo-escuro que lembra sexta-feira santa. Só quando a tristeza vai passando é que elas começam a clarear.



Osbó tinha motivo de entristecer. Sentia que depois de um período de sete anos gostosos acontece muita coisa má. E essa coisa má era a guerra, que chegou de uma hora para outra.

A guerra veio feroz, matando bichos, destruindo plantações. Foi travada por elefantes do outro lado do deserto, instigados por um chefe ambicioso e cheio de inveja da paz e alegria reinantes na manada de Osbó. Travou-se uma luta brava e sem aviso. Os atacantes agiram de surpresa, e Osbó era meio distraído em matéria de segurança. Seus companheiros resistiram com bravura, defendendo o que era deles, e quem defende o que é seu cria tutano para combater.

Houve uma trégua para remover os mortos e cuidar dos feridos de lado a lado. Quando a luta recomeçou, a manada de Osbó estava inferior em número e já meio enfraquecida, porque eram bichos de paz e não de crime. Foi nesse desânimo que Pul, vendo as coisas pretas, resolveu entrar na briga. Como, se o inimigo era mais forte, e antes de morder os olhos de todos já estaria cansado e arquejante?

Vejam no próximo capítulo, que eu também não sou de ferro e vou tirar meu descansinho.



Simples. Qualquer pulga salta pelo menos 200 vezes mais depressa do que um campeão olímpico de pulo, e Pul, fortalecido pelo ótimo passadio que desfrutava na amizade com Osbó, não teve dúvida em saltar 1.500 vezes mais. E de 1.500 em 1.500 saltos por fração de segundo, com velocidade maior que a de um carro de Fórmula 1, lá se foi no rumo da morada de Cacundê para pedir-lhe que socorresse o amigo atacado. Cacundê não fez por menos. Organizou em poucos instantes um exército de elefantes blindados, de primeira grandeza, e ordenou-lhes que soltassem barritos de guerra enquanto caminhavam para socorrer Osbó e seus companheiros. O barulho era tão formidável que daí a pouco se escutava no campo de batalha. O inimigo, apavorado, deu no pé sem enfrentar os novos adversários.

— Caríssimo Pul — disse Osbó — você me salvou a vida e o poder. Não é uma pulga conselheira, mas uma pulga executiva, com capacidade militar, pois guerra não se faz só com sangue, faz-se também com estrondo. E você provocou o maior estrondo da comarca. Diga qual a recompensa que deseja.

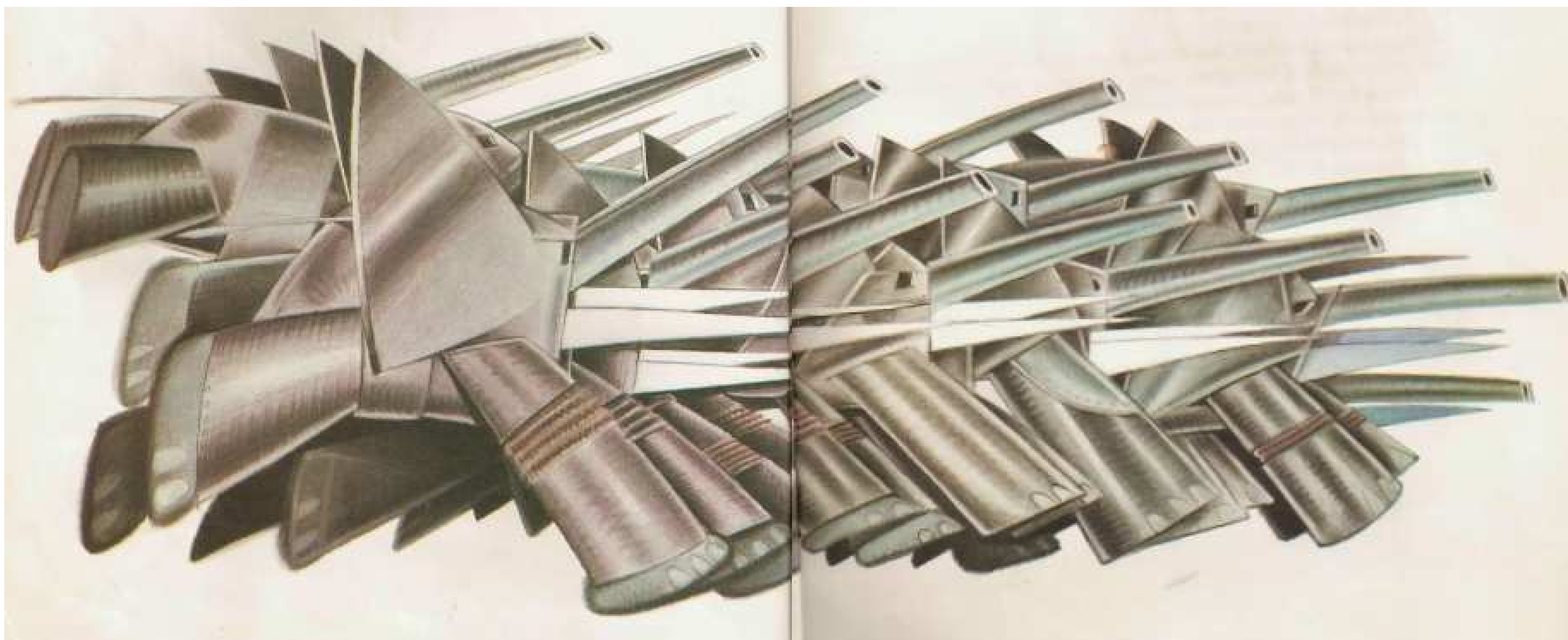
— Eu? — respondeu Pul, coberto de glória. — Eu desejo ser proclamado Pulgo Rex I e Único. Mereço. Todos os pulgos e pulgas, daqui por diante, deverão obedecer ao meu comando e me bater continência.

Osbó coçou o pêlo com a tromba. Dar aquele nome pomposo ele podia, não custava nada.

Mas fazer com que pulgos e pulgas do mundo inteiro se subordinassem a ele, eram outros quinhentos. A pulgaria é tão desobediente, tão avoada...

— Sinto muito — disse ele. — Não tenho poder para tanto.

— Mas você não é elefante chefe de elefantes, com o domínio garantido pelo meu esforço? — respondeu Pul. — Com esse corpão todo, belo e majestoso, não sabe se impor nem às pulgas?



Osbó perdeu noites de sono refletindo sobre a ambição de Pul. Era tão bom amigo, mas tão mandão! Há ocasiões em que um elefante pode menos do que uma pulga, fica miudinho, sem saber como sair dessa. Acabou perguntando a Pul:

— Como que eu faço para entrar em contato com os trilhões de pulgas do mundo inteiro, inclusive de Niterói e Disneyworld?

— Ah, não tem problema — respondeu ele. — Eu lhe ensino o vocabulário básico do pulgol, e você soltará nele os maiores barritos. O eco da sua voz chegará até os confins do fim do mundo.

— Não vai causar terremoto?

— *Never.* Barrito em pulgo, só o pulguedo entenderá. O resto é silêncio. E deu logo para ele as primeiras noções da língua pulgol, que parece um zumbidinho em surdina, cheio de consoantes sem vogais. Osbó achou graça no aprendizado. Era uma música fininha, quase imperceptível, mas poderosa pela facilidade com que se comunicava. Houve um som que ele não tinha jeito de aprender. Pul ficou impaciente:

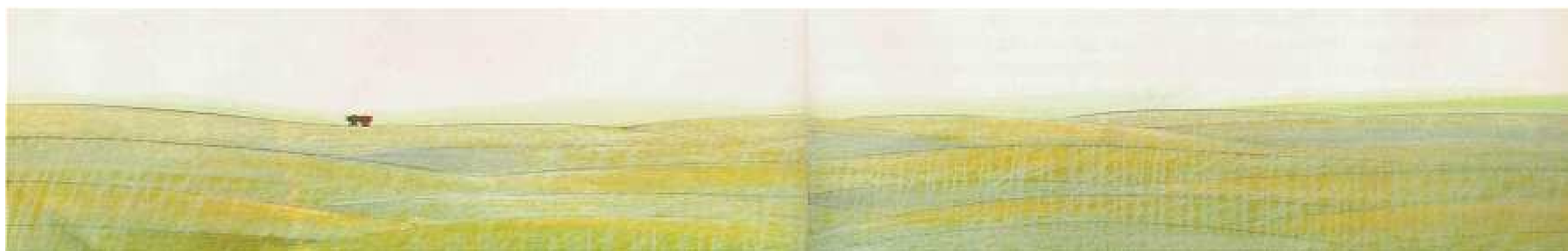
— Aprende logo, animal!

— Você não deve fazer isso comigo — observou Osbó com doçura. — Nem todo mundo é inteligente como um pulgo, mas faz-se o possível.

— Desculpe. O calor me põe nervoso. Eu não queria ofender. Afinal, todos somos animais,

variando de tamanho.

— Está desculpado. Mas nas próximas lições não esqueça que o meu QI não é do tamanho do meu corpo.



Depois de sete lições caprichadas, o que deveria ser um ribombar maluco de Osbó passou a ser um recado quase silencioso. Que pulgo danado! Fazer elefante falar língua de pulga, só mesmo aquele. Osbó fez o melhor que pôde, mas infelizmente não convenceu o pulguedo universal. Livres e indomáveis por natureza, os bichinhos não queriam prestar vassalagem a um coleguinha metido a

sebo, só porque ele morava na orelha de um elefante. Chegaram a pensar que Osbó estava maluco. Onde se viu? Pul não gostou nada disso. Ficou irritado, tratando Osbó com grosseria, como se ele tivesse culpa do caráter independente das pulgas. Osbó, que era bem-educado, não se queixou. A verdade é que, pouco a pouco, se sentia cada vez mais dominado por Pul.

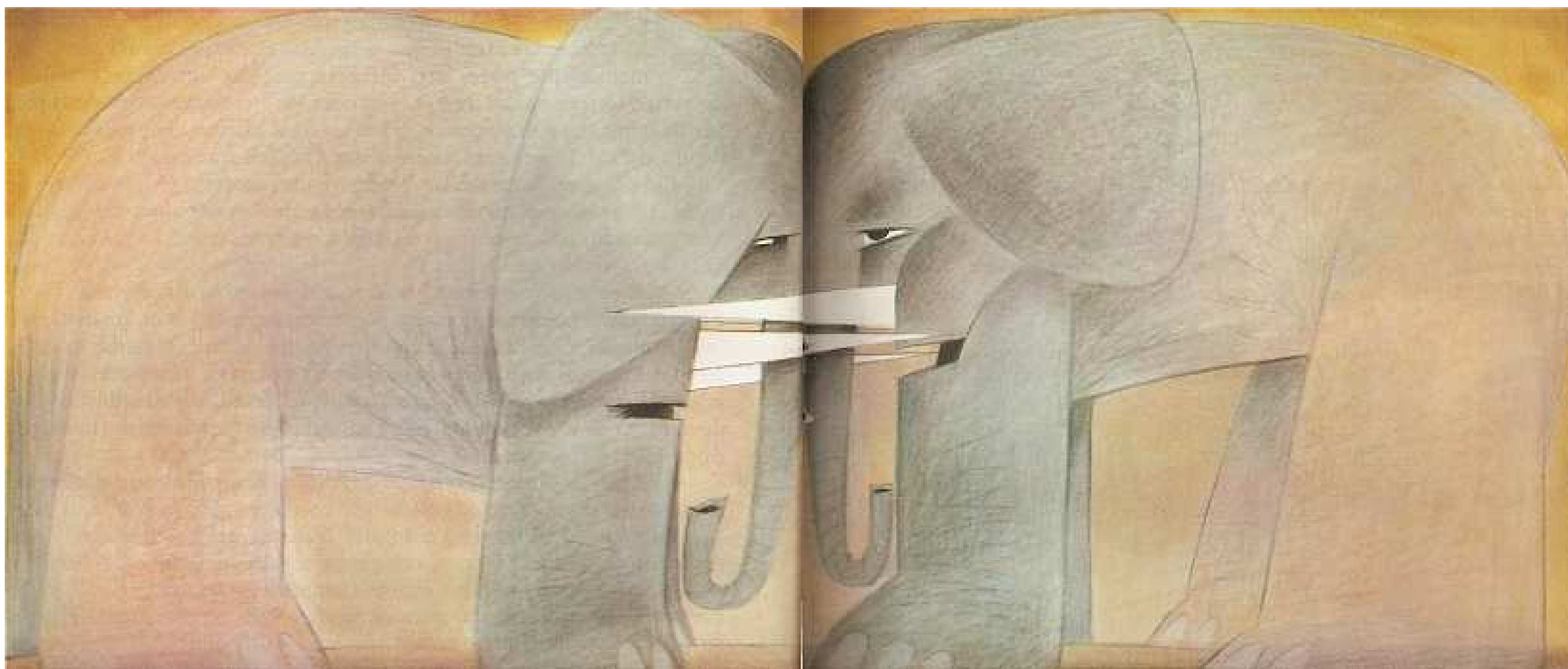
— E uma pena esse mau gênio do meu amigo — suspirava ele. — Que é que eu posso fazer para tirar da sua cabeça a vaidade e a ambição do poder?

Ambição e vaidade são coisas que não se tiram facilmente da cabeça, mesmo que seja minicabeça. Pul ficou insuportável. Inventou um sonito horrível para chatear Osbó, que ao ouvi-lo ficava meio surdo, as orelhas doendo. O som era de uma vespa zangada, que tivesse alto-falante à sua disposição. Ele pediu:

— Querido Pul, me faz uma gentileza. Pode deixar de zumbir dessa maneira dentro do meu ouvido?

Pul respondeu com uma risadinha. Não estava disposto a parar. E Osbó, perdendo o sono e o apetite, emagrecia com essa maldade.

Ele não sabia o que fazer. Pensava em pedir conselho a Cacundê, quando este, como por milagre, apareceu na sua frente. Ninguém o avisara. Apenas sentira, à distância, que o amigo precisava de auxílio.



Os dois não podiam falar claramente, porque Pul escutava e entendia tudo. Foi aí que Cacundê resolveu lançar mão do código secreto dos elefantes, tão secreto que nunca ninguém ouviu falar dele. E só deve ser usado em casos extremos. Osbó conhecia bem as cifras do código, e os dois tiveram uma longa conversa sem que Pul percebesse bulhufas.

Não posso revelar a chave desse código, porque não a tenho, mas se tivesse era a mesma coisa, porque cada sinal tem muitos significados, dependendo da hora e da situação. No máximo, a gente desconfia que os elefantes, em certas ocasiões, estão falando em código.

Por isso, conto só o que ficou combinado pelos dois. Osbó e Cacundê concluíram que não havia nada a fazer contra um pulgo irritado, que a força dos dois era impotente para dominar. Por mais que fizessem, não dava. Qual a solução?

A solução — concordaram — estava no amor. Osbó devia cuidar seriamente de arranjar uma namorada e ser feliz com ela. Até então ele não ligara para isso. Esperava que um dia o amor viesse visitá-lo. Como não viera ainda, Osbó devia ir à sua procura. Amando, resolveria o problema da pulga. Porque o amor resolve todos os problemas. Faria esquecer o incômodo do pulgo zumbidor e tornaria inútil a sua implicância.

A idéia aliviou a cuca de Osbó, que saiu logo procurando uma companheira bonitona, agradável e cheirosa. Fazia muita questão que cheirasse a lavanda. A manada era grande e dispersa. Ele teve de fazer muitas viagens.

Os elefantes podem ser tímidos como a gente, e quanto maior for o tamanho deles, maior a timidez. As elefantas já estranhavam a sua falta de interesse, e como eram orgulhosas, não queriam dar o primeiro passo para cativar o seu coração.

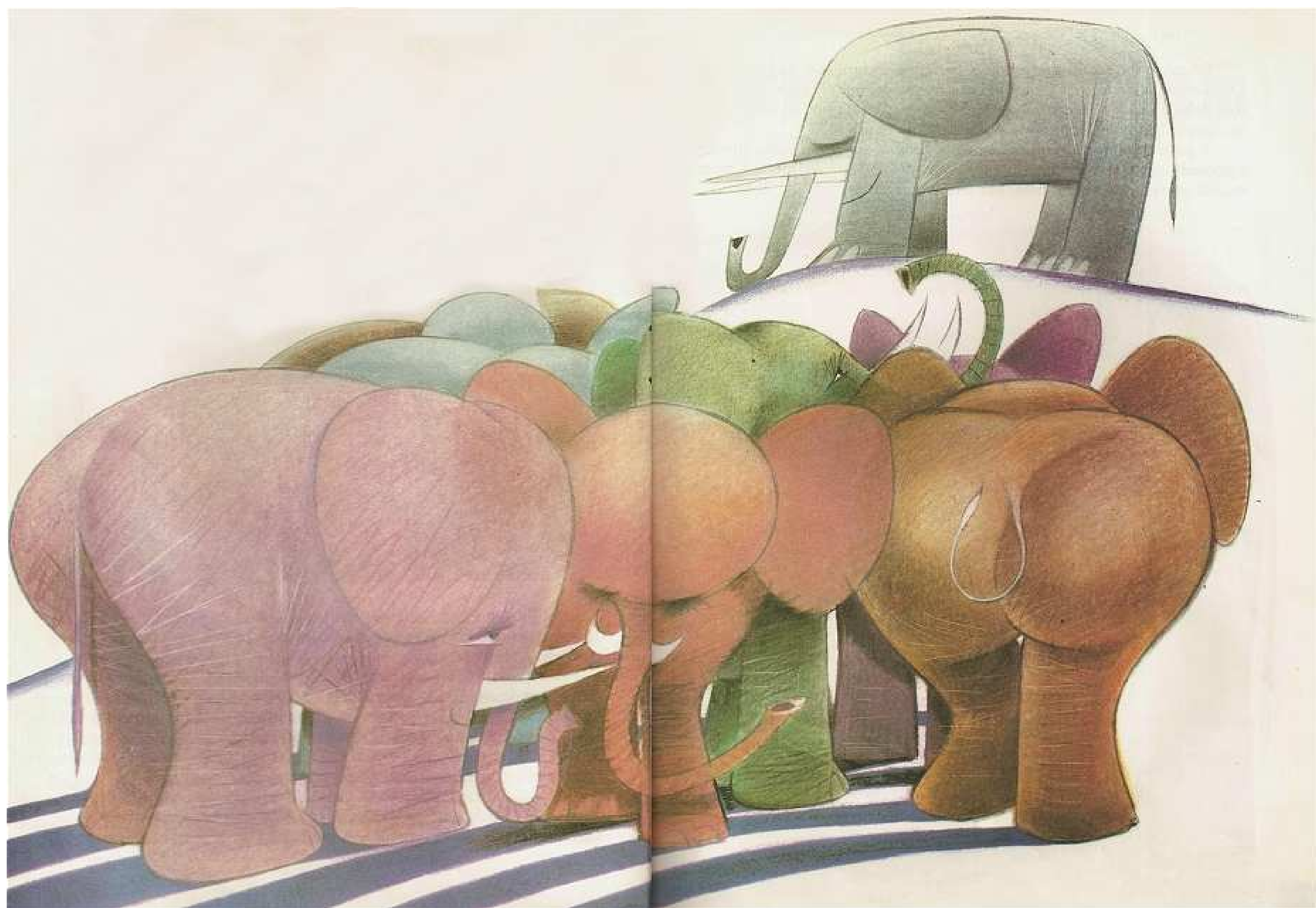
— Que pena, um elefa tão legal — suspirava uma. — Bem que eu gostaria de... Mas se ele não quer nada comigo, como é que vou me oferecer?

Outra dizia assim:

— Osbó nem parece deste mundo. As vezes eu penso que ele é uma aparição divina.

E uma terceira:

— Era melhor ele não ter nascido elefante. Podia nascer estátua, de tão mimoso que é. Mas não faz sentido amar uma estátua.



Afinal, Osbó sentiu que era hora de vencer a timidez e declarar amor a uma elefanta, entre as de grande beleza e majestade, que até então ele tratava com delicadeza mas de certa distância. Estava no ponto: tinha 40 anos, idade em que os elefantes alcançam a plena força da natureza.

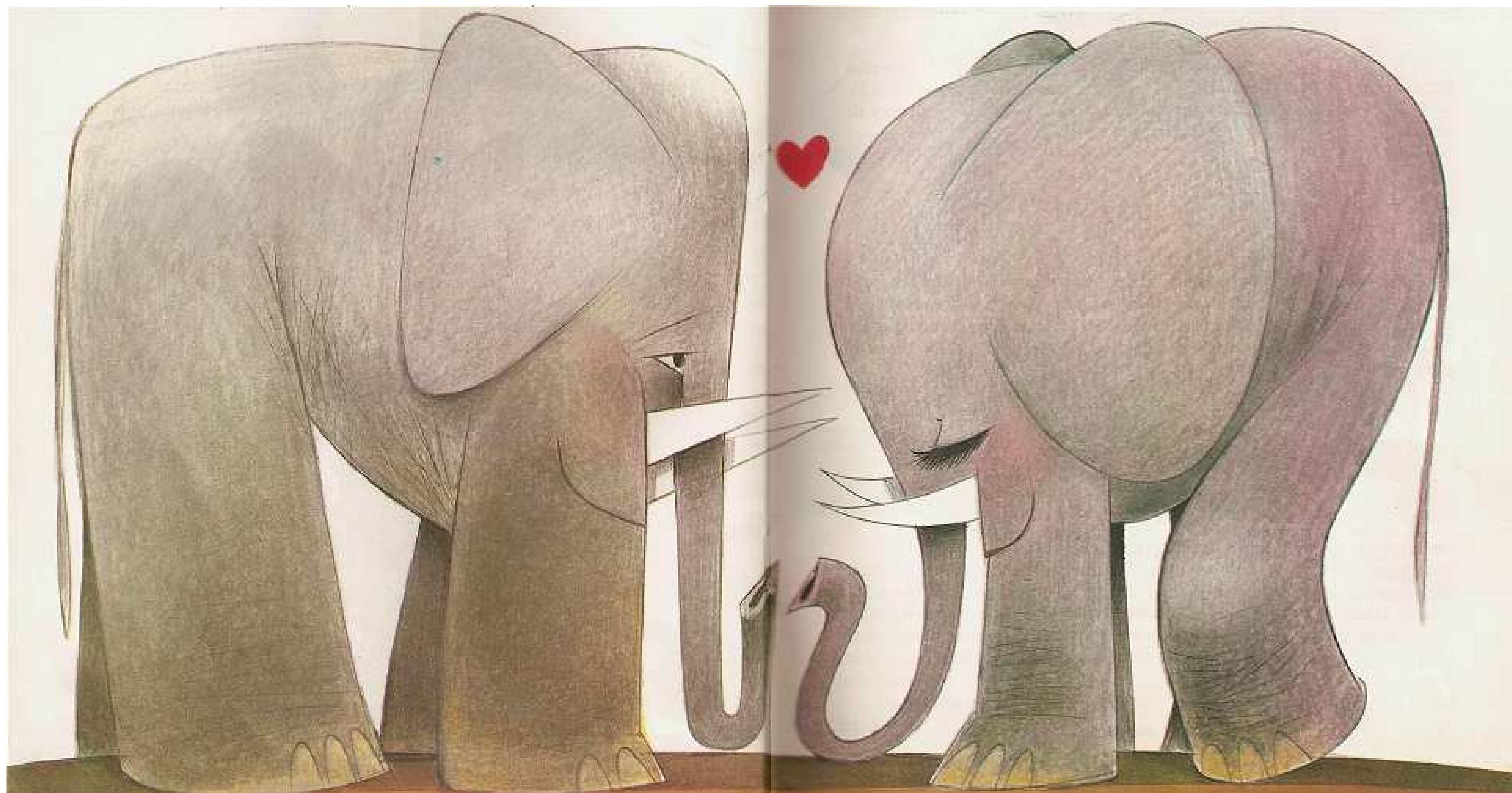
A primeira nobre elefanta a que ele se dirigiu, acenando com a tromba e piscando com o olho direito, fingiu que não vira. A segunda, idem. E assim muitas outras, que ora fingiam, ora viravam as costas, sem dar bola.

Agora Osbó estava diante da mais linda elefanta nascida na África, Zanzul. Ele mexeu com a tromba e piscou, como sempre. Ela, indiferente. Tornou a mexer e a piscar. Nada. Só da terceira vez é que ela perguntou:

— E comigo?

— E sim, Zanzul. Eu... E ficou calado.

— Como? — perguntou ela.



— Não sei por onde começar, mas...

— E então?

— Então... peço que aceite o... a... quer dizer, a minha alma pura para fazer companhia à sua.

Com que esforço ele disse isto! Mas disse com tanta emoção que ela ficou encantada, e não fez por menos:

— Meu anjo! Meu beija-flor! Meu rouxinol!

— Anjo, eu? Beija-flor? Rouxinol? Que é isso?!

— Rouxinol, beija-flor, anjo, primavera, cisne, rosa-amélia e tudo mais que existe de sublime no mundo! — respondeu Zanzul, na maior empolgação. — Não mereço tanto! Ou, se mereço, é só porque sei avaliar a doçura de sua fala e a maravilha da sua declaração!

A conversa continuou nesse tom. Era maravilha para cá, timidez para lá, mas uma timidez que pouco a pouco ia se transformando em linguagem poética, puro madrigal. Só então Osbó percebeu que era poeta. Zanzul, por sua vez, era a própria poesia, num corpo gentil de elefanta.

Ele bailava e cantava:

— Minha gitana encantada,
meu luar de abril em seresta,
fora de ti não há nada,
pois tu és a própria festa!

E Zanzul, comovida:

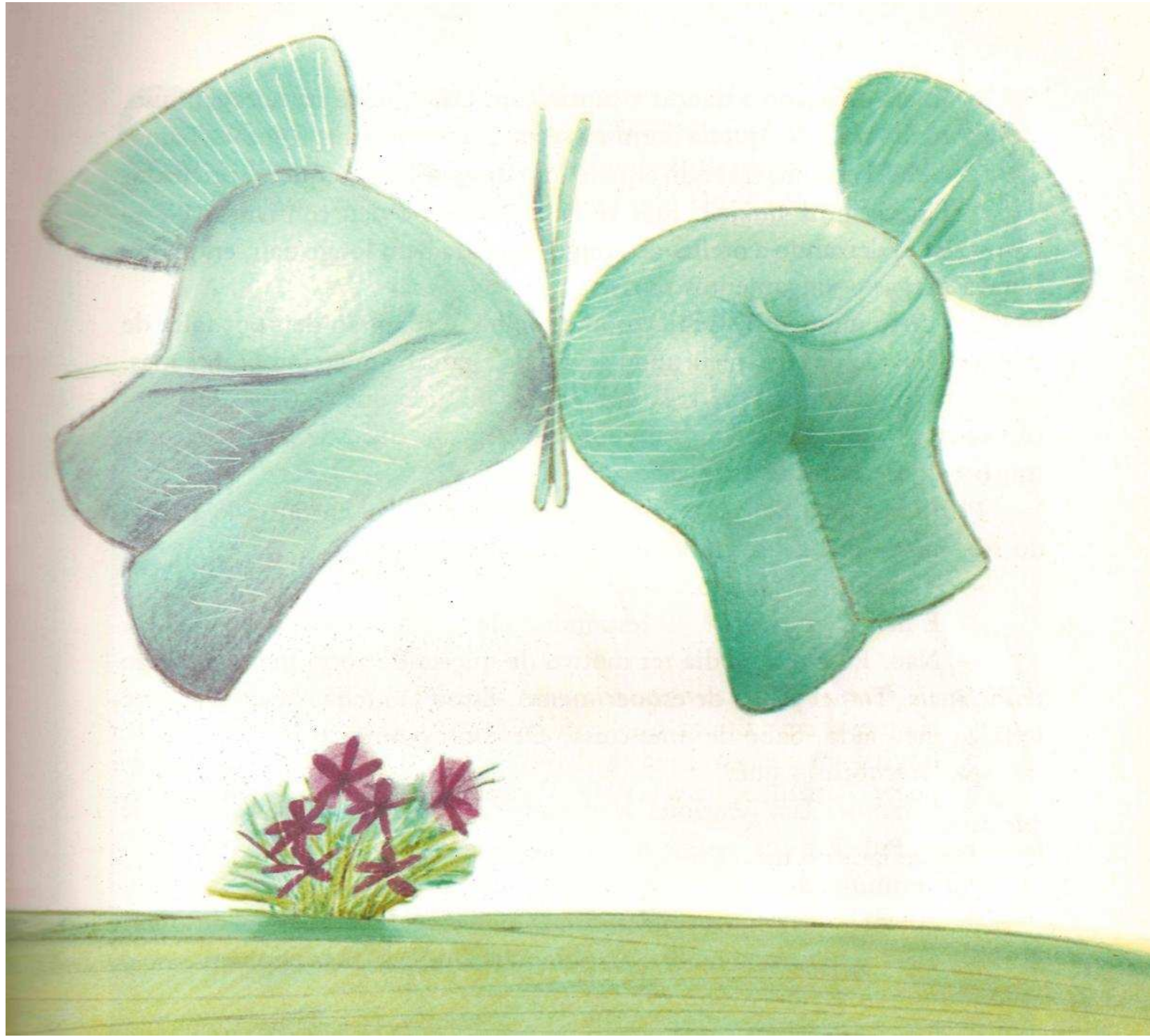
— Libélula! Pão angélico! Favo de mel!

Ele:

— Coração, coraçãozinho,
nuvem de paz e carinho,
me esconde no teu cantinho...

Ela:

— Te enrolo no meu carinho.



E era um bailar, um esfregar carinhoso de trombas, um dizer coisas suaves e infantis que não acabava mais. Os dois dançavam, leves como borboletas e, como borboletas, sem pisar no chão. Flutuavam, libertados de peso, pois o amor dispensa a lei de gravidade e outras leis da física. Estavam felizes desde sempre e para sempre. A elefantada, em roda, babava-se de inveja e todos aplaudiam, enternecidos. Muito namoro começou naquela hora, por influência.

Quem não gostou nada do rebuliço da festa? Já podem imaginar quem foi: Pul.

Pul era obrigado a dançar e cantar com Osbó, justo na hora em que, tendo comido, queria dormir a sesta. Não conseguia. Tentou chamar Osbó à ordem, fazendo aquele som de *rock* furioso que, caprichado, parecia uma buzina, mas vê lá se Osbó lhe deu confiança. Ele se enfureceu e, deixando a orelha do amigo, foi para bem longe dali, enquanto soltava pragas e xingamentos terríveis.

Em certo momento, Osbó cocou a orelha, e só então deu por falta de Pul. Seu coração de ouro preocupou-se. Onde estaria o amigo implicante mas, no fundo, também de bom coração? Apesar de tudo que tinha acontecido, continuava a gostar dele. Queria tê-lo junto de si, no lugar de costume, como um brinco de ouro de estimação.

Pediu licença a Zanzul e saiu à procura de Pul. Foi encontrá-lo à beira do rio, muito jururu, se mirando na água. Interrogou-o:

— Tá zangado comigo?

— E não é para estar? — respondeu ele.

— Não. Eu é que podia ter motivo de queixa de você mas agora não tenho mais. Tomei pílula de esquecimento. Estou tão feliz! Quero ver você feliz ao meu lado. Sabe de uma coisa? Descobri o amor.

— Descobriu o quê?

— O amor. Um sentimento danado de bom. Inunda a gente de felicidade, Pul. E torna boas e bonitas todas as coisas da Terra.

Pul resmungou:

— E, mas você faz uma agitação ainda mais danada com esse tal de amor.

— Ora, meu caro, o amor é agitado por natureza, mas também é belo e faz o mundo melhor. Vamos fazer as pazes.

— E depois você continua nessa zoeira maldita de pular e cantar? Prefiro dar o fora.

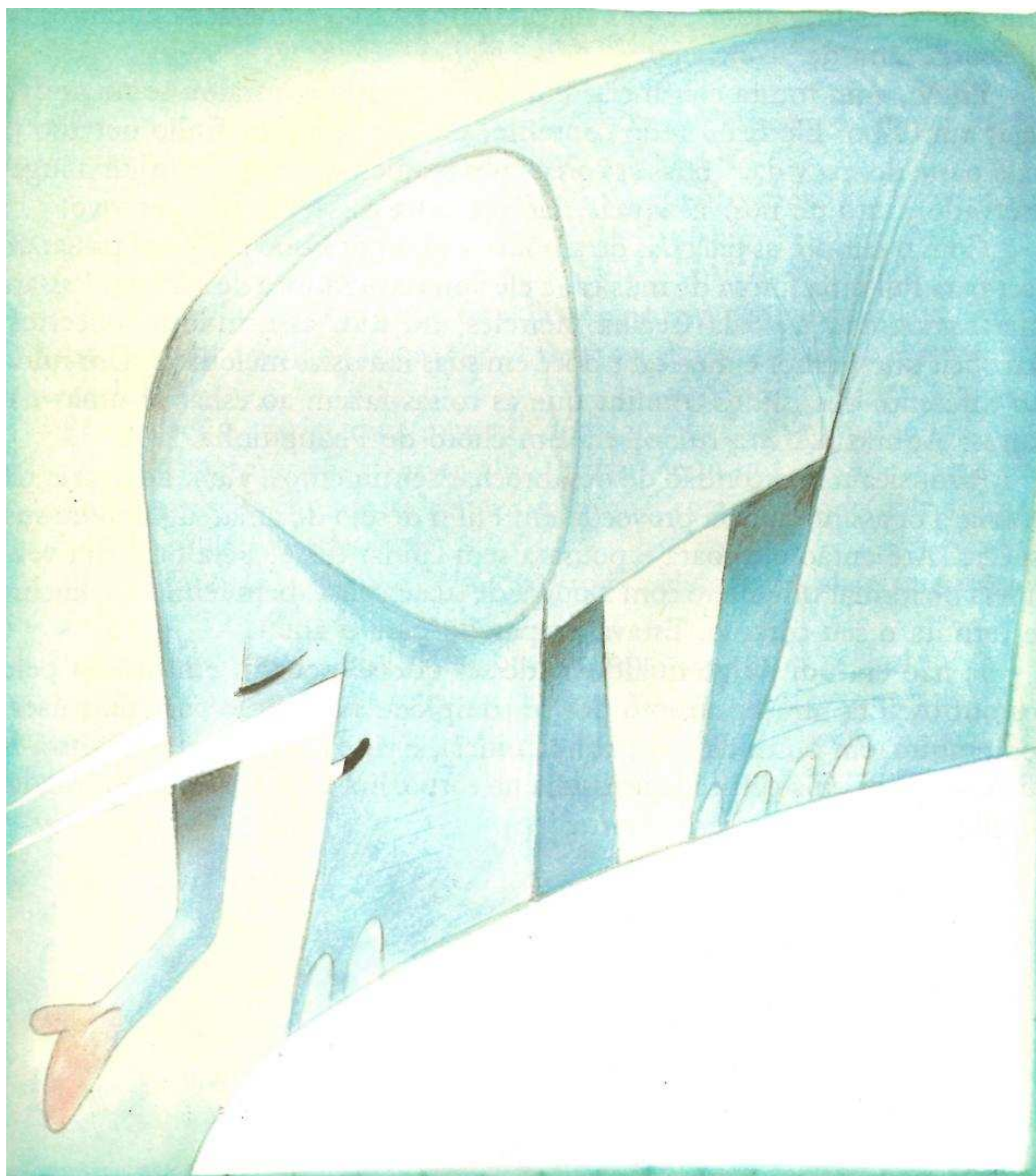
— Não faça isso. O amor não manda ninguém embora. O amor aproxima, reúne as criações de Deus. Eu me sinto hoje mais perto de você do que antes. Não me abandone.

Era esquisito ver a figura enorme de Osbó suplicando a um animalzinho para não abandoná-lo. Mas a vida tem dessas coisas.

Conversa vai, conversa vem, Pul acabou admitindo que o amor de Osbó e Zanzul não atrapalhava em nada as relações de Pul e Osbó. Eram sentimentos diferentes, que podiam existir juntos e abraçados. E Pul já estava meio arrependido de ter sido tão duro com o amigo. Daí, para que viver brigando? A paz na orelha de Osbó tinha seus encantos, e ele sentia falta de aconchego.

Então, com muita elegância, Pul deu um pulo e instalou-se no antigo lugar em Osbó. Ele ficou todo contente, pois aquele pulguinho nervoso já fazia parte de sua vida. Todas as coisas, por pequeninas que sejam, têm lugar reservado junto de nós. E aquela não era uma coisa, era um ser vivo.

Com o tempo, as palavras de amor trocadas por Osbó e Zanzul passaram a ser para Pul uma forma de música, e ele apreciava música de câmera. Passara uma temporada na Sala Cecília Meireles, no Rio, assistindo a concertos. Percebeu que o amor é musical e doce em suas fantasias melódicas. Um ruído tão diferente dos ruídos comuns que as coisas fazem ao esbarrar umas nas outras! Aquilo não era ruído, era um choro de Pixinguinha.



A música tem o condão de desabrochar sentimentos, além do prazer de ouvi-la. Foi assim que ela provocou em Pul o desejo de amar alguém de sua espécie. Até então ele voara e pousara sem cuidar disso. Pela primeira vez, a idéia de formar um dueto com a pulga de sua escolha, bem feminina, enchia de ternura o seu coração. Estava preparado para o amor.

Já não era um pulgo qualquer, desses que só pensam em picar a pele dos outros. Era um ser ansioso por se completar na ligação com outro ser. Voou muito, em busca da companheira ideal, e já se desiludia de encontrá-la quando sentiu uma cutucada levíssima no corpo. Era a formosa pulga azulada, de olhos brilhantes, que lhe sorria.

Você é Pul? — perguntou ela.

— Sou sim.

— Ouvi dizer que você anda à procura de um amor tão bonito como a luz das estrelas e o perfume das violetas.

— Ou como o amor dos elefantes. Conheço de perto o amor perfeito dos elefantes, e sei que ele é o mais lindo de todos.

— Todos são lindos, Pul. A questão é saber encontrar aquele reservado para nós e ninguém mais. Eu sou Queria, e me enfeiticei por você.

— Sem me conhecer?

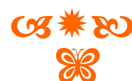
— Conheci você desde que ouvi falar de sua procura da amada. Soube da busca ansiosa e venho satisfazê-la. Quero ser sua namoradinha, seu sonho feito realidade.

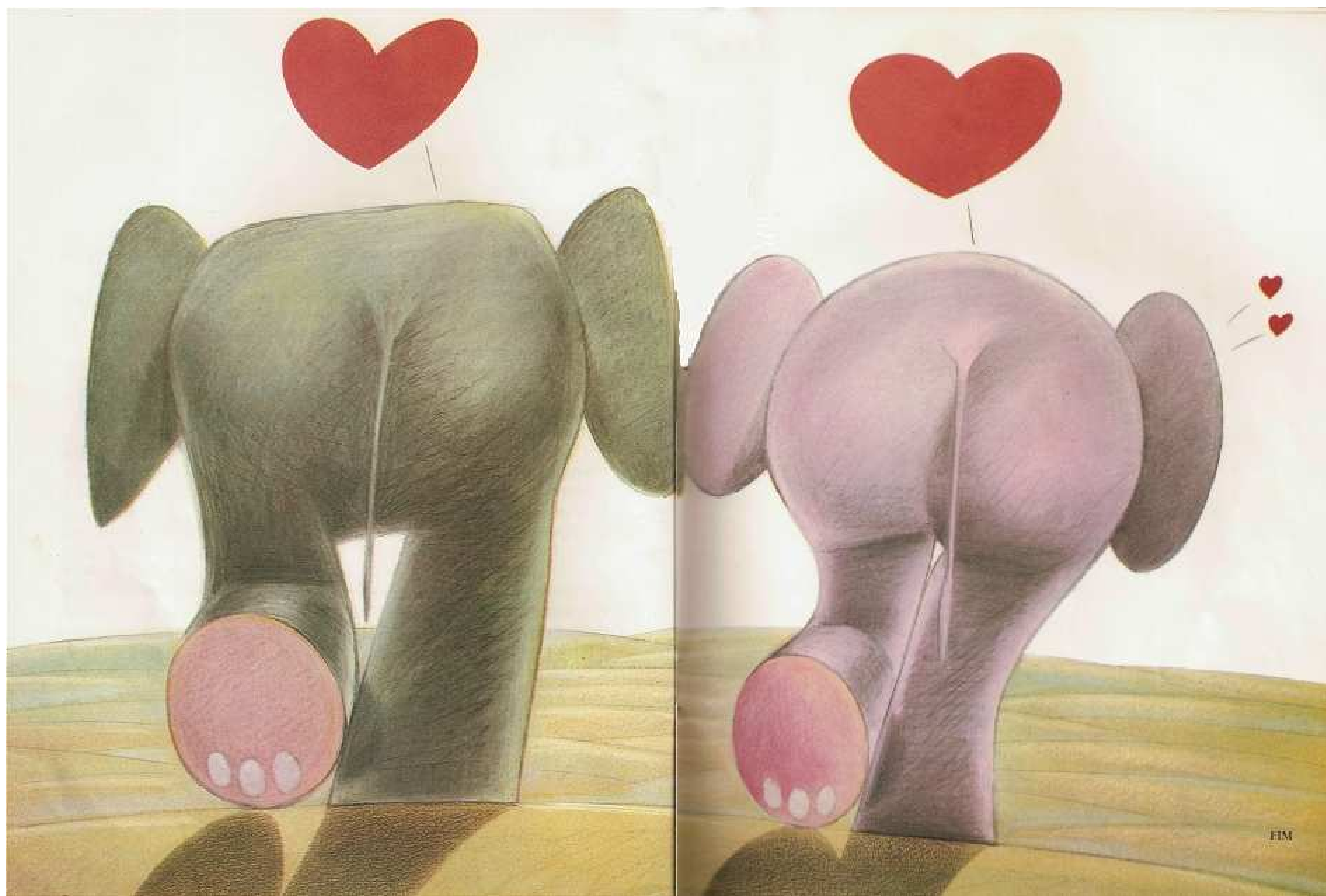
Era tão convincente a sua maneira de falar, que Pul se emocionou. Não havia dúvida, o amor chegara até ele. Uniram-se num beijo ideal, em que todos os amores do mundo se concentravam. E foram voando comunicar a Osbó e Zanzul o seu romance.

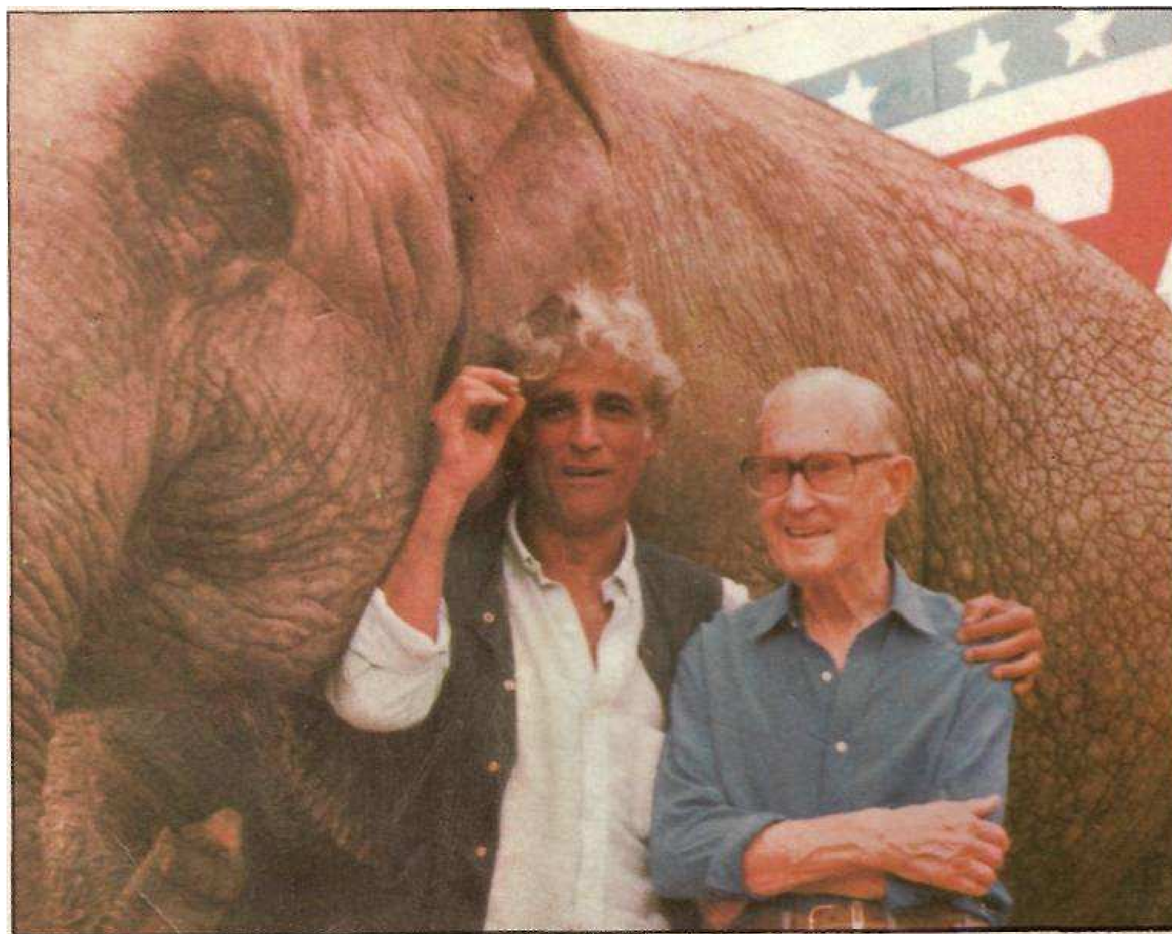
Que alegria para Zanzul e Osbó! Para toda a elefantada, aliás, que adorava o seu chefe e a namoradinha dele.

O pequeno casal Pul-Quéria ficou conhecido como os Pulquérios, e conquistou logo a estima da manada. E assim viveram felizes toda a vida dois elefantes e duas pulgas, unidos pela mesma corrente de amor, a qual não move apenas pulgas e elefantes, mas, como disse o poeta, move igualmente o sol e as estrelas.

FIM




FIM



Drummond, Ziraldo e seus personagens no Circo Garcia.



http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

1

[1] Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.